

ELAS POR ELAS

A curadora Ana Carolina Ralston elenca quatro artistas contemporâneas em ascensão no mercado para você ficar de olho na hora de aumentar sua coleção



Em sentido horário, a artista Clarice Gonçalves, *Autorretrato* (2010) e *Elas Existem e Proliferam* (2009)



CLARICE GONÇALVES

“SER MULHER, a despeito do que a sociedade te impõe, com machismos e subestimação, é uma forma de militância”, diz a brasileira. Clarice leva seus questionamentos, entre eles sua própria condição de mulher, para as pinturas figurativas que constrói, muitas delas autorretratos ou figuras femininas tiradas de álbuns de famílias, livros, revistas e, por que não, da própria internet, uma técnica própria da atualidade. Assim que as escolhe, faz, com as massas de tinta a óleo, sua interpretação da sensação causada pelas imagens. “A figuração na pintura sempre foi minha principal forma de expressão, de pensar, construir e definir-me como ser humano. Me ajuda a digerir a vida que me rodeia”, diz.

Para compor a pintura, que brinca com a densidade e o volume da própria matéria, cria títulos que funcionam como poemas. O intuito não é explicar as pinceladas, mas, sim, complementar o pensamento por meio de frases capturadas por ela durante o percurso, de uma conversa com amigos ao filme que lhe toca. Juntas, elas completam o sentido de sua arte.



Abaixo, retrato de Janaina Mello Landini. À esq., obra da série *Ciclotramas* (2019)



JANAINA MELLO

FORMADA EM ARQUITETURA, a mineira radicada em São Paulo traz a proximidade com a física, a matemática e a sua observação sobre o tempo para tramar sua visão de mundo. Desde 2010, ela desenvolve a série de sucesso *Ciclotramas*, um neologismo criado por ela para designar sua pesquisa. A partir de um desenho espacial, experimenta a tensão física entre os fios e a distribuição das cargas recebidas para tocar em temas como interconectividade e interdependência. “Uma ciclotrama é uma seção de um ciclo contínuo e binário; é uma longa ação de dividir o todo e suas partes, até que sua unidade mínima fique aparente e sustente todo o

sistema como um conjunto”, explica a artista.

Como toda obra de arte, no entanto, a peça sofre influência do espectador, sendo reinterpretada e vista por muitos deles como uma complexa ligação neural ou, até mesmo, como uma árvore e suas conexões com a natureza. Seus trabalhos também transitam por diversas escalas – do objeto a instalações feitas para espaços públicos – e procura nos oferecer um lugar de relações rítmicas, explorando as diferentes facetas das nossas trajetórias pessoais. Tudo feito a partir de uma corda, que personifica nossos laços e a segurança que precisamos ter para ir além.



Em sentido horário, retrato de Anna Parisi, *Eu Não Vou Sambar* (2017) e *Still I Rise* (2017)



ANNA PARISI

A CARIOCA USA ESCULTURAS e o próprio corpo para explorar linguagem, materialidade e identidade. Seu processo artístico tem origem na busca pela compreensão etimológica da palavra, trazendo à luz momentos históricos ligados a ela, que vão de encontro ao colonialismo. “Minha arte é um lugar de resistência, onde falo sobre raça, gênero e sexualidade”, explica Anna.

Desde criança, ela pôde experimentar seu olhar curioso tendo o incentivo da família. “Mas, para descobrir minha própria individualidade, foi preciso olhar para tudo o que constituía a minha pessoa.” Assim, também floresceu seu interesse pela arte política, que tira o espectador de sua zona de conforto. “Meu trabalho questiona tais hege-

monias patriarcais, heteronormativas e raciais”, completa. Nas obras, utiliza materiais como metal, vidro e papel, podendo levar dias ou meses para serem finalizadas. “Não trabalho com o tempo. Faço entrevistas com mulheres que sofreram abusos, pessoas que vivenciaram situações de homofobia e racismo. Preciso digerir e transformar essas informações em uma peça.”

Há três anos, vive em Nova York, onde cursa seu mestrado na prestigiada Parsons. No mês passado, participou de uma exposição na Urban Glass Brooklyn, com um trabalho que comenta a morte de Marielle Franco. “Pretendo retornar ao Brasil, mas preciso voltar para um país que valorize a cultura e que estime a educação para todos.”



À esq., a partir do alto, *Bang* (2018); *Sobre Nós* (2017); e *Nua* (2018). Abaixo, a artista Paula Costa



PAULA COSTA

A BELEZA DE FLORESCER e envelhecer. Esse eterno ciclo natural ao qual estamos destinados mostra o poder que os seres vivos têm de se transformar – até mesmo contra a própria vontade. É por meio dessa arte viva e mutante que a carioca Paula Costa trata o tempo, dando a ele o papel de fio condutor de sua obra. No lugar do pincel e da tinta estão a agulha e os fios de algodão e lã com os quais a artista alinhava folhas e flores em diferentes etapas de sua existência, dando-lhes um novo significado – ora em pontos simples, formando imagens abstratas, ora em palavras.

Há também colagens e esculturas orgânicas, que misturam frutas às plantas, eternizadas pelas lentes fotográficas. O gênero aparece em um segundo momento na trajetória da artista e como coadjuvante, na tentativa de congelar o tempo ou mesmo de estudá-lo, acompanhando o processo de desfragmentação de cada matéria-prima envolvida na criação. “Na cultura ocidental, temos dificuldade em olhar para a morte. Mas ela nem sempre representa o fim. Ela é parte da transformação para um outro estágio ou outra consciência. É por meio de nossas pequenas mortes individuais que fechamos ciclos e começamos outros”, analisa a artista.

